

“NARRADORES DE JAVÉ” OU A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DA MEMÓRIA: SENSIBILIDADES E NARRATIVA (S)

Prof.^a Dr.^a Auricélia Lopes Pereira - Professora do Departamento de História/UEPB –
Campus I

auricelialpereira@yahoo.com.br

Silvano Fidelis de Lira – Graduando em História/UEPB – Campus I

silvanohistoria@hotmail.com

RESUMO:

A proposta de articulação entre ensino de história e memória surge a partir das inquietações emergentes de um projeto de pesquisa, vinculado ao PIBIC/ Universidade Estadual da Paraíba, intitulado “*Memórias nas margens: histórias de velhos*”. Pesquisa financiada pelo Programa de Incentivo à Pós Graduação e Pesquisa (PROPESQ) através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) e que se encontra em momento de articulação das idéias teórico-metodológicas referentes à memória, narrativa e oralidade. Tendo em vista a necessidade de diálogo entre a Academia e a educação básica, estamos propondo com este texto um ensino de História que articule a prática com as discussões sobre memória e narrativa na formação da identidade local. A memória tem sido desde a metade do século XX objeto de muitos debates e investigações acadêmicas. Pode ser ela utilizada como tema em sala de aula? Como uma fonte que venha a possibilitar um alargamento das referências teóricas e metodológicas? Propomos então possíveis respostas para a questão posta acima a partir do filme “*Narradores de Javé*”. Utilizado na sala de aula, o filme pode possibilitar pensar a memória não como lugar único, fixo e cristalizado, cortado, atravessado por linhas sutis de subjetividade e de afetividades.

Palavras Chave: Memória. Narradores de Javé. Subjetividades.

-
1. Este texto faz parte das discussões teórico-metodológicas estabelecidas no Projeto de Pesquisa, “*Narrativas nas margens: memórias de velhos*”, financiando pelo CNPq, através da Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa (PRPGP), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Auricélia Lopes Pereira, lotada no Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Os conceitos e discussões teóricas trabalhados durante o texto fazem parte do projeto de autoria da professora coordenadora.

“Este é o livro da Salvação?”

(Morador de Javé ao interrogar Antônio Biá)

Este texto é fruto das primeiras discussões teóricas que buscam dar instrumentos conceituais de pesquisa estabelecidas dentro do projeto de pesquisa “*Memória nas margens: histórias de velhos*” (PROPESQ/PIBIC), que busca estudar a memória na constituição das narrativas das pessoas idosas, sobretudo da cidade de Campina Grande – PB. O projeto vem sendo desenvolvido com o apoio institucional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação Pesquisa (PRPGP).

O texto que apresentamos aqui é uma reflexão em torno de uma obra que vem sendo nos últimos tempos bastante discutida nos cursos de História e disciplinas afins. Não se trata de fazer uma análise do filme, “*Narradores de Javé*”- filme dirigido por Eliane Caffé e que teve sua estreia em 2003- mas tentar perceber pontos importantes do mesmo, sempre tentando articulá-lo com a pesquisa que fazemos e a prática docente, tendo em vista que na atualidade o professor tem a sua disposição uma grande quantidade de recursos, especialmente o filme.

Estamos trabalhando com esse filme no intuito de pensarmos a constituição da memória e da narrativa através das teias de subjetividade que a tecem. Partimos da ideia de que a memória é formada a partir de uma arte, quase que artesanal, em que o sujeito recorta, seleciona, desenha a memória através de condições subjetivas. A memória é múltipla, é uma bailarina que inventa performances surpreendentes. Ela pode assumir inúmeras significações, interpretações que levam o pesquisador a defrontar-se como uma (im) possibilidade diante da narrativa e do descontinuo da memória e da oralidade.

A memória carrega em si uma grande quantidade de significados, de possíveis interpretações, parece-nos que as análises de Caldas (1999) são bastante pertinentes a esse respeito, o autor ao se referir à memória diz que;

Ela não é um arquivo: sua forma de existência, a imagem que talvez a exprima, não é estrutural, sistêmica ou orgânica, mas *poética, virtualidade criativa e metamórfica*, ritmo e movimento, que nunca é aquilo que diz nem o metafísico e inapreensivo aquilo que viveu, mas *abertura em processo*, o sentido da ficcionalidade ontológica do ser social na órbita da singularidade, puro calidoscópico atravessado pelas múltiplas vivências do humano; desdobrada por excelência e vitalizadora criativa do presente, montando e desmontando os sentidos e os significados de cada um por meio de conversas, dos relatos, das crenças e do mundo como resultado do viver social que garante identidade e limite. (p, 59)

Para iniciarmos a nossa discussão é preciso entender o porquê do filme em questão ser uma possibilidade para a discussão em um projeto que trabalha com as memórias dos velhos

(memórias escritas e orais). Em que sentido, “*Narradores de Javé*”, pode ser apropriado por nós, historiadores, para entendermos a memória e a oralidade?

Ora, a memória, assim como veiculada no filme, é uma atividade de criação de sentidos, de (re) invenção de experiências, uma criação que atende a necessidades e escolhas subjetivas do presente. Nesse sentido o filme mostra, de forma muito interessante que a memória é dinâmica, e não deve ser compreendida como algo que está “guardada” em um arquivo impenetrável. Muito se fala em “resgate”, termo perigoso, pois a História é (re) inventada, jamais resgatada, e em nenhum momento pode ser resgatada em sua originalidade, pensar a temática da memória exige um aparato conceitual, não se pode ter sobre ela uma visão simplista, pois como vários pesquisadores já ressaltaram a memória é fruto de relações, de encontros e desencontros.

Assim, como afirma Ecléa Bosi (1994), a memória é uma dupla relação entre lembrança e esquecimento, trabalho de criação em função do presente. Ainda segundo a autora, a memória desloca percepções, ela é ativa, e não imóvel e nem estável, a memória como afirma a autora é ativa, invasora...

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (p, 47)

O filme questiona de forma humorada a clássica e conflituosa relação entre o dito e o escrito. Característica da modernidade em que a narrativa perde o espaço, em que a arte de narrar e o narrador torna-se raros. “Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito” afirma Walter Benjamin (1987. p, 57).

A tentativa é de tornar aquilo que as pessoas contavam uma “coisa científica”, de forma humorada e dinâmica a obra produz discussões significativas sobre essa questão. Nesse sentido é importante destacar que durante o filme a dualidade entre oral e escrito, a problemática entre o senso comum e o conhecimento cientificizado torna-se importante para entendermos o seu enredo, em síntese o filme questiona muito a intensa necessidade em transformar em algo escrito aquilo que se lembra, que se narra, existe certo medo diante da vulnerabilidade da oralidade.

O que dá sustentação a trama é justamente a angústia diante da fugacidade da narrativa oral, é preciso colocar as memórias dos moradores do vale de Javé no “livro da salvação”, mas quem escrever? E o que escrever? Assim inicia a trajetória de Antônio Biá e dos

moradores daquela pequena cidade que está prestes a ser encoberta pelas águas da barragem, pelo simples fato de não ser patrimônio, de não ser reconhecida historicamente, através de uma escrita que a nomeasse.

Desde o momento de abertura do filme é a angústia que marca a trama fílmica, o viajante que corre ofegante e que em seguida perde o barco, fica desolado, angustiado, ele está também diante de uma impossibilidade, diante de uma privação, diante daquele barco que teima em seguir um trajeto que não o seu, sua vontade é de manipular o barco e trazê-lo para a margem, uma metáfora para o decorrer do filme, Biá sempre queria uma coisa, mas seus narradores sempre fugiam, remavam em outros rios. Os narradores de Biá, são fugazes, não se prendem às normas, criam percursos alternativos, partindo de suas subjetividades, de suas sensibilidades.

A única saída para o viajante é esperar, esperar não se sabe até quando. Seu encontro com outras pessoas se dá em um pequeno barraco às margens do rio, local de divertimento, mas algo chama a atenção, uma velha que insistentemente tenta ler algumas linhas do livro, em meia luz sua atitude é de uma pessoa que quer compreender o que aquelas linhas dizem, mas ela é repreendida pelo filho, que a critica, interpela, depois de velha não tinha necessidade de aprender a ler, ela era velha, bastava-lhe a arte de narrar.

Somos nós, que mesmo em meia luz, em meio as barreiras, tentamos a todo o momento ler o outro, torná-lo compreensível, decifrável e feito de letras. As letras realmente são mais controláveis que os sentimentos, mais domesticáveis do que as narrativas sensíveis, talvez por isso, necessitamos escrever sobre o outro o tempo todo.

O nome da cidadezinha é “Javé”, fica no vale de um rio, e pelas características do filme, faz parte das pequenas cidades do Nordeste, com uma geografia semelhante a tantas outras. Geografia de corpos, de ruas, de cidades. Uma terra que tinha sido escolhida pelos heróicos antepassados para ser o território onde se fixariam os retirados ou fugitivos da guerra, a terra que teve as suas divisas apenas cantadas, a oralidade que ia demarcado suas fronteiras, desenhado seus limites. Primeiro momento em que, no filme, a narrativa é evidenciada como algo definidor de territórios, a narrativa é uma criação que define pontos da História daquelas pessoas que ainda não tinham o domínio da escrita, e nem necessitavam dela.

Mas as “divisas cantadas”, não foram suficientes para legitimar aquele território, esse estaria ameaçado pelo escrito (leis, documentos, etc.) A rotina pacata do pequeno vilarejo é profundamente abalada por uma notícia que mudaria definitivamente a vida dos moradores: o povoado seria extinto com a implantação de uma barragem. Seria a chegada do “progresso”

que solaparia aquela comunidade, trazendo consigo as águas, inundando as ruas daquela cidadezinha, destruindo as casas, a igreja, etc. da mesma forma com que aconteceu a Canudos no sertão da Bahia, inundada pelas águas da barragem de Cabrobó. Mas em meios ao grande número de notícias que vinham dos engenheiros a comunidade reuniu-se para tentar salvar o vilarejo do dilúvio que se anunciava, era preciso fazer algo. E a única solução seria transformar o vilarejo em patrimônio histórico, de maneira que ele fosse tombado e, assim, pudesse ser tombado e preservado.

Para os moradores de Javé, seria uma tarefa difícil, já que eles não conseguiam visualizar algo que fosse realmente importante e digno de ser eternizada, afinal Javé em nenhum momento havia sido palco de um grande acontecimento histórico, sua história estava ausente das narrativas dos grandes heróis ou de importantes eventos políticos. A única maneira de se evitar a destruição do vilarejo seria então fazer o dossiê, que reunisse as histórias que as pessoas contavam e que tornariam Javé um patrimônio histórico. Mas quem escreveria? Apenas um homem seria capaz de tal façanha, um tal de Antônio Biá, que havia sido expulso do vilarejo por utilizar-se de uma grande arma, a escrita a escrita que corta as identidade. Por causa da escrita ele teria sido expulso e por ela seria conduzido novamente para a cidade.

E assim começa a trajetória dos moradores de Javé, vidas que se resumem a apenas uma coisa, a busca da memória, expressa através da oralidade. Mas não seria fácil, a memória mostrou-se como o vento, não possível de manipulação, ela se apresentou como uma criação humana multifacetada, e possível de interpretações múltiplas, ela se mostrou com suas múltiplas máscaras, confundindo o hermenauta. E por isso desistir? Não, Biá, vai buscar não mais uma memória, mas memórias, no plural. O catador de memórias que se torna Antônio Biá se deparou com aquilo que afirmou Tedesco (2004), a memória que não possui uma unidimensionalidade; possui, sim, um caráter plural.

Biá se encontra então com uma multiplicidade narrativas que por vezes contam a história de uma mesma forma repetem-se, outras vezes são completamente opostas, só que imprimem seus rostos suas intencionalidades dobre o evento, cada narrador tem o mesmo rosto com o personagem a que se referem. Seu Vicentino é o mesmo Indalécio, Teodora a mesma Maria Dina de sua narrativa. O mesmo Indalécio do seu Vicentino é um ex-escravo na narrativa do velho do quilombo. Propositalmente a narrativa foi associada aos rostos, pois estes criam efeitos de identificação. Nessa trajetória de semelhanças históricas, Biá, vai rabiscando em seu livro as narrativas daquele povo, mas ele nem comandava mais nem sua

vida, tornou-se o salvador, seguido, acompanhado, as entrevistas que realizara, passaram a ser verdadeiros cortejos, todos queriam acompanhar aquela “operação historiográfica”.

A tentativa daqueles moradores é mostrar as autoridades que o vilarejo tem uma história, é, portanto, parte fundamental do país, eles precisam documentar o valor histórico, patrimonial de Javé. Mas essas histórias apenas são contadas, habitam unicamente a memória dos moradores, é um patrimônio de cada um, e não foram ainda traduzidos em letras, escrever aquela história seria realmente produzir um novo sentido de pertencimento, seria assegurar a sobrevivência, a memória seria assim como afirmou Michel Pollack (1992) um elemento que serviria ao homem, portanto seria criação e que atenderia a uma intencionalidade de acordo com as necessidades do momento.

Ao recorrer à memória, os narradores fazem uma reflexão sobre a própria temporalidade e se defrontam com a pluralidade de representações das diferenças na atualidade, a memória não foi manifestada de forma linear, ela se manifesta carregada de imagens e idéias, valores e afetos individuais ou coletivos. Em *Narradores de Javé*, a busca pela memória seria apenas uma necessidade, até então ninguém havia se preocupado em escutar as histórias do povo e nem mesmo de escrevê-las. Nesses moldes, o papel da memória é produzir uma força simbólica social que aglutine memória individual e memória coletiva, formando um dos aspectos que constituem e dão sustentação a uma comunidade. Nesse sentido, as concepções sobre a memória coletiva, desenvolvidas por Maurice Halbwachs (1990), mostram que os testemunhos, ou as narrativas orais servem para fortalecer, e completar a história de um grupo. É preciso ter quem mente que a memória também pretende legitimar a lembrança. Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras.

Mas voltemos ao caminho de Antônio Biá. Por onde ele segue? O que quer encontrar e o que encontra? Seu trajeto é um caminho não traçado, não segue uma linearidade, sua missão é apenas escrever... dar grafias as histórias... Biá entende que a arte de narrar envolve a coordenação da alma, da voz, do olhar, das mãos e da fala.

Ele cumpre um mandado, sua permanência no grupo depende disso. Depois que passou a ser o detentor da escrita, ele tinha uma nova vida, podia adentrar as casas, fazer a barba de graça, era visto como um homem das letras. Mas Biá sabia que as narrativas não constituem descrições vagas, generalizadoras e atreladas a realidade, ele sabe que as histórias que ele ouvia, as memórias multifacetadas que ele visitava não o levariam a lugar nenhum, lhe colocariam diante de uma (im) possibilidade. Por isso mesmo Biá não escreve, Biá desenha,

risca em seu livro, mas nada escreve. Porque Biá não escreve? Porque ele traiu a confiança do povo daquela cidade? Porque Biá, não fez a grande tarefa de cristalizar a memória? Uma primeira hipótese é que ele não gostava de escrever. Em todas as entrevistas que realiza Biá, escuta, conversa, encontra amores, mas não escreve. Talvez ele compreendesse a escrita assim como Jorge Larrosa (2004), é um ato de aprisionamento da narrativa. Escrever é impor silêncio, é calar a voz. Talvez exista essa relação entre esses dois “escritores” eles veem na escrita a morte da palavra. Em Biá, a escrita acabaria com a beleza da narrativa, aquelas pessoas seriam logo depois esquecidas, afinal suas lembranças estariam facilmente disponíveis no livro, que seria manuseado, riscado, grifado.

A primeira visita de Antonio Biá é a casa de seu Vicentino, morador que outorga a si o orgulho de ser parente de Indalécio, fundador do povoado. A entrevista é marcada pelo medo, pelo estranhamento, Biá teria desacatado aquele homem duro com suas maliciosas cartas. Mas o narrador busca a sua memória nos objetos, a arma guardada com reverência dentro do baú é o ponto de partida para a construção de sua memória, conta histórias de heroísmo, uma epopéia que antecedeu a chegada de Indalécio, montado num cavalo branco, e cheio de majestade sua narrativa é antes de qualquer coisa uma exaltação aos antepassados. Mas seu Vicentino se angustia, Biá, não está escrevendo! E ele manda escrever, o narrador quer fazer parte da história, que sua memória seja presa o papel, tal qual ele fala, sem enfeites.

Mas Biá insiste. É preciso dar novas formas a escrita, por que como ele diz; “uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito”, essa frase é importante para as discussões aqui estabelecidas. A narrativa produz interpretações acerca do fato acontecido, ela não tem compromisso com a verdade, é fruto das necessidades do sujeito e pode ser modificada, transformada. Assim se configuram as narrativas dos moradores de Javé, cada um imprime marcas peculiares sobre seus depoimentos, falam de memórias que de certa forma lhes insiram na História. Ninguém quer ficar de fora, Biá, passa a ser coletor de depoimentos, caminhando por territórios incertos, destoantes.

O caminho de Biá, ainda terá outros encontros. Com Teodora, com Dona Maria, com Firmino. Chagando na casa de Teodora, o “escritor” é recebido aos gritos, mas com muita conversa consegue permissão para entrar na casa e adentrar também nas memórias daquela mulher. Narrativas que reinventam memórias, uma nova personagem na história de Javé surge daquela conversa. Maria Dina, uma mulher que segundo os relatos de Teodora, teria sido a verdadeira pessoa a ter fundando Javé, mas há nisso uma intencionalidade muito forte, Teodora se diz parente de Maria Dina e quer também entrar na história. Maria Dina é narrada como heroína, escrita pelo outro. Mas as narrativas mais uma vez se entrelaçam em uma

incompreensível teia, muitas falas, muitos olhares, e a confusão se instaura. São muitos dizeres, muitas possibilidades.

No quilombo, o caminho é literalmente mais difícil, a linguagem entra em cena de forma a colocar em xeque a prática escriturística da História. Indalécio é narrado como um chefe que conduziria o seu povo ao quilombo, um lugar onde sua gente (re) criaria laços afetivos com a África. Mas a narrativa se desloca, mostra-se impenetrável, linguagem inviável. A cantoria de Pai Cariá, é incompreensível, cria um espaço onde o hermenêuta não conquista. Muitas falas, mas nada se produz a escrita. Biá, apenas olha o relógio, o tempo foge assim como a narrativa daquele homem.

O sino da igreja toca, e nas cidades pequenas isso ainda é muito presente, esse sino não toca a toa, é sinal de que a comunidade deve se reunir na igreja. Mas quem o toca é Cirilo, um louco, um insano, que estaria à margem da realidade e não tinha até o momento com a história de Javé e seus moradores, simplesmente Cirilo ainda não era parte do enredo. O louco é o elemento estranho. Mas ele anuncia algo, anuncia que as águas não serão detidas, ele fala, que as águas destruirão tudo aquilo, mas ninguém acredita, é o insano que fala, sua fala nada pode diante da documentação escrita. A fala torna-se algo sem importância, ela foi aprisionada por Biá, pelo menos é isso que todos imaginam. A cena em que Cirilo fala sobre a inundação é muito importante, parece que a oralidade perde seu sentido diante da memória que se cristaliza na escrita do livro, aquela angústia da escrita inicialmente perde o seu lugar, as memórias que antes se mostraram multifacetadas agora passam a ser negligenciadas.

O momento dos engenheiros realizarem o projeto de construção da barragem chega, e chega também a angústia daquelas pessoas que tinham ali vivenciado suas experiências de vida, cada qual tem um motivo, os mortos enterrados ali, a falta de recursos financeiros para recomeçar a vida em outro lugar, mas a justificativa é a mesma, eles não querem sair daquela terra. Começa então os momentos finais da trama, mas eles ainda têm uma esperança diante daquilo, afinal eles se empenharam tanto em escrever o um “dossiê científico” sobre as histórias grandes do Vale de Javé.

Mas Biá nada escreveu. Entrega o livro, embrulhado, mas ao abrir a surpresa de todos, não continham nada mais que rabiscos, toscos rabiscos. E as letras não foram capazes de impedir que as águas do desenvolvimento engolissem a cidade, levando consigo toda uma história, que por não ter tombamento foi negligenciada, ignorada. Mas mesmo com aquele mar que se cria, é possível dá novos sentidos a memória, recriar uma narrativa em torno das memórias que ainda permanecem nas narrativas daquelas pessoas. E assim Biá, passa a realmente querer escrever, pois ele sabe que a memória pode muito esvaíse e começa a

escrever as narrativas daquelas pessoas. O filme termina, assim como a memória, em um processo de (re) invenção, de (re) criação do passado, e todos vão atrás do “escritor” que agora dá nova configuração ao passado.

O filme, “*Narradores de Javé*” mostra-se como uma importante forma de se estimular o debate em torno da memória e da oralidade, suscitando questões importantes acerca das possibilidades e dos desafios encontrados em nosso tipo de pesquisa, lidamos com linguagem, experiências que se traduzem a partir da narrativa os velhos. Vem também deixar claro que ao trabalharmos com as narrativas, estamos adentrando em um território que se mostra repleto de diálogos que cruzam, narrativas que selecionam, cortam, dão sentidos diversos aos fatos.

A memória, entre lembranças e esquecimentos seleciona a partir dos anseios individuais e coletivos do presente, ela seleciona aquilo que deve ou não ser rememorado. A memória avança e recua sobre a linha do tempo. Uma recordação chama outra, tecendo uma teia de lembranças singulares. Assim como em Javé, cada pessoa, cada depoente constrói uma narrativa acerca de seu passado, produz sentidos para as suas experiências cotidianas, produz uma narrativa carregada de interesses pessoais e familiares.

Ainda entendendo o filme como uma possibilidade do fazer-se na educação, acreditamos que, quando utilizado na sala de aula, o filme pode possibilitar pensar a memória não como lugar único, fixo e cristalizado, mas cortado, atravessado por linhas sutis de subjetividade e de afetividades. Nesse sentido, o filme em questão está marcado por linhas de subjetivação e pode levar o aluno a compreender que a História é algo que se escreve e que obedece a um regime de verdade, parte de interesses e de um lugar social, é uma atividade interpretativa do outro, sobretudo quando esta busca na memória imprimir formas ao depoimento oral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN. Walter. O narrador. In; _____. **Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas**, Vol. 1. Brasiliense, São Paulo, 1984.

BOSI. Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. – 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS. Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. – São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HALBWACHS. Maurice. **A Memória coletiva**. – São Paulo: Vértice, 1990.

LAROSSA. Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

POLLAK. Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

TEDESCO. José Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.